

“A arte de hoje está em completa decadência e a Bienal de São Paulo é um certame esvaziado”

— *Krajcberg, a seu ver, qual a situação atual da arte no mundo?*

— A situação é cada vez pior. Aparecem a todo instante novos movimentos que não conseguem manter-se por muito tempo. Os “ismos” passam depressa demais. Hoje em dia, ninguém sabe qual a arte mais avançada: a *op*, a *pop*, a conceitual? A maioria das pessoas, inclusive os críticos, nem pode acompanhar e julgar de cabeça fria os movimentos artísticos que surgem. Há uma enorme confusão. O padrão artístico da nova geração é muito baixo. Medíocres pintores do passado surgem, valorizam-se para logo sumirem. Há críticos e pintores de tudo e para tudo.

— *O que acha do nível cultural de Paris?*

— Em Paris coexistem todos os movimentos culturais contemporâneos. Mas lá também se reflete o declínio e o caos do nosso mundo. Paris não é mais a capital da antiga Escola de Paris — escola que antes influenciava todos os artistas do mundo ocidental. Ultimamente, nota-se uma terrível decadência artística na capital francesa. Não há uma renovação autêntica e os pintores jovens, salvo raras exceções, são péssimos. Mas Paris ainda é a capital dos antigos grandes mestres. Nos dois últimos anos vi, por exemplo, as grandes retrospectivas da Bauhaus, Paul Klee, Vieira da Silva, Picasso, Chagall e Matisse. Muitos destes grandes nomes foram atacados pela crítica, e com razão. Veja Chagall, por exemplo. Chagall, como demonstrou a sua mostra, já não é o grande pintor do passado. Suas antigas aldeias russas agora são Paris, vive e pensa como um francês; o *Casamento Judaico* (uma das suas obras antigas mais famosas), na sua pintura de hoje, é um casamento à francesa. Chagall copiou Chagall a vida toda; mas, fora de seu ambiente, essa cópia deixou de ser fiel ao próprio Chagall.

— *Certa vez, Picasso disse que não se incomodava quando escreviam que ele copiava os outros, mas que ficaria furioso se o acusassem de estar copiando Picasso...*

— É exatamente isso que eu quis dizer em relação a Chagall. Quanto a Picasso, o que mais me impressionou na sua retrospectiva foram as esculturas. De todas essas exposições, as me-

lhores foram as de Paul Klee e a de Matisse. Foi comovente ver o grande Matisse, no fim da vida, quando já não mais podia pintar, fazer com uma técnica antiga — como é a da colagem — uma obra inteiramente jovem e déle. Assim eu também gostaria de fazer...

— *Você acha que o centro artístico do mundo deslocou-se para Nova Iorque?*

— Nova Iorque e Londres são os maiores centros de pesquisa artística da nova geração. Isso foi causado pela falta de mercado artístico em Paris. Dezenas de galerias por lá fecharam. A vida em Paris é muito cara e o dinheiro está curto na França.

— *Como você vê o movimento artístico no Brasil?*

— No Brasil estão acontecendo vários fenômenos no campo das artes. O grande movimento de pesquisa que havia há seis anos, infelizmente, acabou. As exposições no Rio e em São Paulo são extremamente medíocres. Falo nas da jovem geração.

— *E a Bienal de São Paulo?*

— É um certame completamente esvaziado. Pouco importou na evolução da arte brasileira, ao menos no bom sentido. Acho até que a prejudicou. Isso deve-se ao fato de a Bienal paulista querer copiar as de Veneza e a Bienal dos Jovens, de Paris, ambas inteiramente fracassadas. É triste, mas é preciso que se diga, ver-se a Bienal paulista importar críticos estrangeiros para julgar artistas brasileiros. É triste constatar-se que os seus dirigentes não confiam e mesmo desprezam a arte brasileira, que é sempre situada por eles em posição inferior, tanto no que diz respeito ao local da nossa representação quanto nas premiações. Acho que, continuando assim, em breve, a Bienal de São Paulo sofrerá um colapso. Principalmente se quiser ainda imitar as bienais estrangeiras.

— *Mas não acha que a Bienal paulista teve seu lado positivo, principalmente quando deu maior divulgação à arte entre nós?*

— É difícil, é muito difícil responder. Teve seu lado positivo, mas nem tanto assim. Em países como a Argentina e o Uruguai, onde não existem bienais internacionais, há jovens artistas verdadeiros pesquisadores, bem conhecidos no estrangeiro e muito melhores que



A escultura de Frans Krajcberg reconstitui a vegetação torturada



dos cerrados (em cima) ou as nossas flôres selvagens.

os nossos da mesma geração. Repito, a Bienal prejudicou os artistas brasileiros inclusive artisticamente, pois tirou-lhes a possibilidade de se projetarem internacionalmente. Os prêmios secundários, a pouca valorização dada aos nossos artistas desvalorizou-os lá fora, onde ninguém os conhece. A Bienal trouxe-nos bons modelos estrangeiros e a maioria dos nossos jovens artistas apenas os copiou. É só.

— *Krajcberg, qual a pesquisa fundamental em sua arte?*

— Desejo cada vez colocar-me mais próximo da natureza. Amo o que há de bruto e puro na natureza. Gosto dos elementos que formam a paisagem, sem ser paisagista à maneira antiga. Com esses elementos — ramos retorcidos, areia, pedra, folhas secas — começo as minhas pesquisas. Com eles posso criar sombras e luzes, cores e movimento.

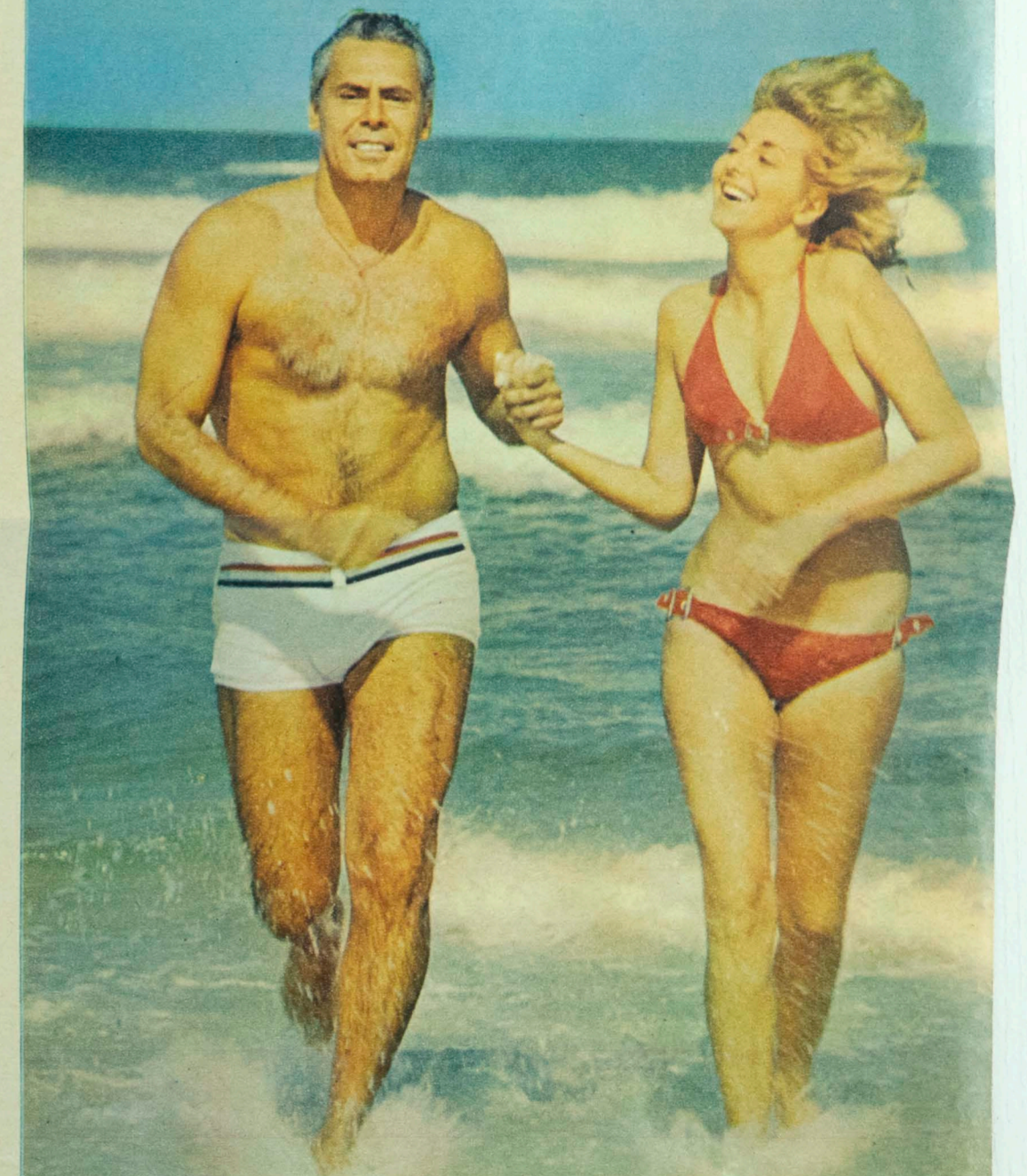
— *A natureza brasileira contribui para a sua arte?*

— Nunca uma natureza me emocionou tanto quanto a brasileira. Nunca vi outra que tivesse tantas possibilidades e riquezas para elaborar uma obra de arte. As vezes ela me deixa confuso, mas também me seduz e extasia, principalmente quando é bruta, selvagem e pura.

— *É por essa razão que você vai agora para a Amazônia?*

— Se o único instante em que me sinto bem é quando ocorre um contato com a natureza selvagem, então não poderia deixar de conhecer a Amazônia. Ali vejo inúmeras possibilidades de pesquisa e criação. Além disso, sou um sujeito irrequieto. Estou sempre à procura do desconhecido para me enriquecer interiormente, para criar novas fontes de pesquisa. Mudando de natureza também posso mudar um pouco a minha própria natureza interior.

Só Andrews tem dupla ação



No estômago: acaba com a acidez

No fígado: estimula as funções hepáticas



Na azia e indisposições digestivas

antiácido efervescente de dupla ação

Ele entrou com os russos em Berlim, tornou-se pintor entre pinheiros, nas florestas do Paraná e vive em Paris, apaixonado pela nossa natureza

FRANS KRAJBERG

"A ARTE VAI DE MAL A PIOR"

FRANS Krajcberg expõe novamente no Rio, na Petite Galerie. Krajcberg nasceu na Polônia, fêz a Segunda Guerra Mundial com o exército polonês que lutava ao lado dos russos, entrou em Berlim com as tropas do Marechal Jukov. Viu morte e destruição. Seus pais foram fuzilados pelos nazistas. Começou a desenhar e veio para o Brasil em 1949. Iniciou-se na pintura e viveu como operário nas florestas de pinheiros do Paraná. Naturalizou-se brasileiro e ganhou o Grande Prêmio de Pintura Nacional, na II Bienal de São Paulo. Estava lançado, ao menos no Brasil. Mas queria uma ratificação européia. Foi morar em Paris e tornou-se um artista conhecido internacionalmente, graças a suas audaciosas pesquisas. Essas pesquisas têm por base sua vida isolada nas matas e nos cerrados do Brasil. São crateras em relêvo, uma espécie de chão gretado pela sêca ou os ramos dramáticos da mata típica do cerrado. Todos os anos ele vem ao Brasil em busca de inspiração e de material que lhe dão a nossa natureza mais bruta e pura. Algo de expressionista, mas contido e estudado, surge de suas obras. Passa de pintor a escultor, e de Paris à solidão das regiões agrestes, próximas de Ouro Preto, onde some e trabalha. Aqui, Krajcberg fala sobre a sua maneira de ver a arte que agora se faz no mundo e também faz reflexões sobre a sua própria arte. Ele tem muito que dizer e a quem criticar.

Entrevista a
FLÁVIO DE AQUINO
Fotos de
JUVENIL DE SOUZA



No hall do edifício-sede de MANCHETE está a obra de maiores dimensões de Frans Krajcberg e a que resume todas as suas pesquisas. Um gigantesco emaranhado de troncos lembra a natureza selvagem em constante crescimento e agitação.